



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO, DE 2024 - 21H00



“Recordações da Casa Amarela”, de João César Monteiro

Realização: João César Monteiro; Argumento: João César Monteiro; Fotografia: José António Loureiro; Música Franz Schubert (Trio op. 100, Der Hirt auf dem Felsen, Adagio op. posth. 148 Notturmo), Antonio Vivaldi (Stabat Mater), W.A. Mozart (solo do Concerto para Clarinete K. 622, briosamente soprado por Lia Nascimento), Quim Barreiros («Bacalhau à Portuguesa»), Wagner (marcha triunfal de Tannhäuser, garbosamente executada pela Banda Sinfónica da PSP); Som: Vasco Pimentel; Montagem: Helena Alves e Claudio Martínez; Produção: Joaquim Pinto e João Pedro Bénard para a Invicta Filmes

Com: João César Monteiro (João de Deus), Manuela de Freitas (Dona Violeta), Ruy Furtado (Senhor Armando), Teresa Calado (Menina Julieta), Duarte de Almeida (Ferdinando), Maria Ângela de Oliveira (Madre de Deus), António Terrinha (médico), Sabina Sacchi (Mimi) (voz de Inês de Medeiros), Henrique Viana (subchefe da polícia), Luis Miguel Cintra (Lívio), Violeta Sarzedas (vizinha da sala), Madalena Lua (criada), João Pedro Bénard (empregado da leitaria), Manuel Gomes (Laurindo), Maria da Luz

Fernandes (vizinha com bebé ao colo), Vasco Sequeira (taberneiro), José Nunes (funcionário do canil), Dona Ester Caldeira (vizinha), Amália Banha (vizinha), Antónia Terrinha (vizinha), Dona Gina (vizinha), João Santos (mendigo), Helena Ribas (mulher-polícia), Adamastor Duarte (polícia)

Duração: 119 minutos; Estreia: Estreia em Portugal nos cinemas Fórum Picoas (Lisboa), Lumière (Porto) e Teatro Circo (Braga), a 12 de Outubro de 1989



Quando partimos para a produção do filme, eu e o João Pedro já tínhamos trabalhado juntos noutros filmes. Já nos conhecíamos bem e também já conhecíamos bem o João César. Já tinha trabalhado no som noutros filmes e, muitas vezes, tinha acontecido perceber o que não funcionava em termos de produção. Isto é, nalguns filmes havia produtores encartados mas que estavam muito ausentes, noutros os produtores eram meros administradores. O João César estava mais ou menos perdido no meio disso tudo. Eu falava muitas vezes com o Vasco ou com o João Pedro do que acontecia nos filmes, mas era raro falarmos directamente com o João César, porque trabalhávamos nas equipas, não tínhamos responsabilidade como produtores. A história deste filme foi o João César vir ter connosco, e não nós irmos ter com ele. Houve vários momentos em que as coisas mais ou menos aconteceram e isso permitiu que o filme se fizesse.

O primeiro momento foi quando realizei Uma Pedra no Bolso. O João Pedro fez a produção com uma equipa muito pequena, uma rodagem completamente entre amigos, sem dinheiro e sem subsídios. Lembro-me, quando o filme passou aqui na Cinemateca, de no final o João César vir ter connosco verdadeiramente entusiasmado com a forma

como tínhamos conseguido fabricar aquele objecto, um pouco à margem do que na altura eram os esquemas de produção normais em Portugal. Houve ali um momento em que o João César percebeu ser possível fazer alguma coisa noutros moldes. Julgo que quando ele veio ter connosco, a perguntar se estávamos interessados em produzi-lo, o projecto já tinha tido um produtor e tinha sido recusado no concurso ao IPC. Tinha sido chumbado por uma série de pessoas muito respeitáveis que achavam que este filme era absurdo, que não era possível. Ele propôs-nos: «Tenho aqui um guião que eu julgo que é um bom filme...» O Fernando Lopes, que na altura estava na RTP, na parte das produções, tinha dito, de uma forma mais ou menos informal, que a RTP apoiaria. No fundo, o que o João César nos disse foi: «Há aqui um projecto, provavelmente custa mais do que o dinheiro que se pode encontrar neste momento. Estão interessados em apostar nisto?» Lembro-me de termos lido o guião, que era muito preciso, estava praticamente tudo planificado. Julgo que só saíram algumas personagens, ainda se filmaram os vizinhos... O grosso do filme estava no papel e era um guião muito sugestivo! Lia-se e percebia-se o que seria o filme. Acho que tivemos

uma conversa no Luanda e foi decidido na altura. Dissemos: «Sim, vamos para a frente com isto!» O filme foi feito com pessoas que conhecíamos bem. O Nuno disse-me há pouco: «Que engraçado, o filme foi feito não só com pessoas que trabalhavam no cinema, mas com pessoas que eram todas amigas e próximas umas das outras.» Quem fez a fotografia, o José António Loureiro, tinha sido assistente do Acácio de Almeida, tinha feito muitos filmes como

assistente mas nunca como director de fotografia. Lembro-me de que, durante a rodagem, quem esteve presente no dia-a-dia foi o João Pedro.

O João Pedro tratava de resolver os pequenos dramas, as pequenas coisas quotidianas durante a rodagem. Uma vez que era eu quem estava responsável pelos dinheiros – pelo «carcanhol», como diria o João César – , tinha a sensação de que não devia estar sempre presente, isto é, devia tentar um equilíbrio entre duas coisas: entre um produtor que não se interessa e não aparece e uma espécie de polícia. Não podia ter uma atitude nem outra. Além disso, de repente o dinheiro não chegava. Julgo que foram seis semanas de rodagem, chegámos às três, quatro semanas, e o dinheiro começou a chegar ao fim. Foi nesse momento que comecei a ter de correr para os bancos a pedir empréstimos para aguentar a coisa – ainda não havia Millennium BCP, já não sei que bancos eram...

Lembro-me perfeitamente de estar em algumas cenas, lembro-me de uma que assinala o meio do filme, o momento em que o filme vira.

Nesse momento, talvez como nas comédias portuguesas dos anos 30, em que as pessoas se encontram no pátio, há um momento de felicidade.

Eu estava feliz, porque naquele dia me tinham dito que sim a mais um empréstimo – na época, de cinco ou seis mil contos. É estranho, por vezes, está-se numa filmagem e tem-se a sensação de que aquele filme existe, ou está em vias de existir. Lembro-me perfeitamente de, nesse dia, ter essa sensação: «Aqui está um filme!» Muitas vezes trabalha-se, e chega-se ao fim e não se percebe bem o que é que aquilo é. Lembro-me perfeitamente desse dia em que, de repente, as coisas pareciam encaixar. Agora, fiquei um pouco espantado por me lembrar do filme todo – já não o via há uns anos –, não só por me lembrar de todas as imagens, mas também de todos os sons do filme.

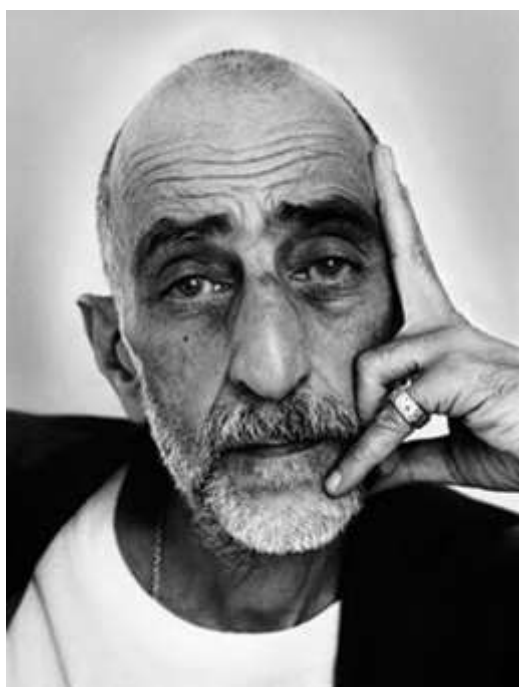
Joaquim Pinto



O guião que nos veio parar às mãos, e que depois resultou neste filme, é um trabalho absolutamente fantástico, fabuloso. É das coisas mais bem escritas e tecnicamente mais bem feitas que alguma vez me passaram pelas mãos. Comparando o guião com o resultado do filme, é inacreditável. É um trabalho absolutamente espantoso. O próprio César, penso eu, pelo menos a nível técnico e de precisão, nunca mais fez uma coisa assim.

João Pedro Bénard

Joaquim Pinto e João Pedro Bénard in “O lugar dos Ricos e dos Pobres – Tempos Díficeis” Dafne Editora, Porto, Junho 2014



Filmografia de João César Monteiro

“Vai-e-Vem” (2002), “Branca de Neve” (2000), “As Bodas de Deus” (1998), “Le Bassin de J. W.” (1997), “A Comédia de Deus” (1995), “Passeio com Johnny Guitar” (Curta – 1995), “O Último Mergulho” (1992) “Conserva Acabada” (Curta - 1990), “Recordações da Casa Amarela” (1989), “À Flor do Mar” (1986), “Silvestre” (1981), “Os Dois Soldados” (Curta – 1979), “O Amor das Três Romãs” (Curta – 1979), “A Mãe” (Curta – 1979), “Veredas” (1977), “Que Farei Eu com Esta Espada?” (1975), “Fragmentos de um Filme-Esmola” (1972), “Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço - Um provérbio cinematográfico” (Curta – 1971), “Sophia de Mello Breyner Andresen” (Curta- 1969)

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 2024

“A História Resumida do Cinema Português em 22 Filmes – Volume II” 21H00 (entrada livre)

“Sapatos Pretos”, de João Canijo (1998)